

A contribuição da linha científico-filosófica transhumanista para uma nova consciência de ser humano a partir de Hegel

Luiz Carlos dos Santos Junior

Graduando em Filosofia pelo Centro Universitário Salesiano de Lorena (Unisal)

luiz1987@gmail.com

Orientador: Mário José Dias

Resumo: Ciência e a tecnologia uma vez produtos da razão e consciência humana, proporcionam ao ser humano meios de transpor barreiras de ordens diversas à medida em que essas tecnologias se apresentam e se consolidam como parte integrante da sociedade. No entanto, tais avanços não são aceitos e apreendidos de imediato, pois é normal que as soluções apresentadas sejam verificadas e contestadas. Neste artigo, buscou-se apropriar do conceito de idealismo hegeliano e sua proposta dialética como uma possibilidade de leitura para o que se tem denominado de transhumanismo, próprio das relações e do encontro da ciência e tecnologia com o homem. Esta realidade permite encontrar uma perspectiva pós-humana de compreensão de uma consciência da “espécie” humana capaz de melhor compreender suas inúmeras forças e potencialidades.

Palavras-Chave: transhumanismo, tecnologia, Hegelismo, dialética, pós-humano.

Introdução

Se o ser humano for observado a partir da sua origem e do caminho que tem percorrido, será possível notar que, ao longo da história, há um progresso crescente à medida que esta é construída e a espécie da qual fazemos parte avança dentro de um processo de descobertas e a elaboração de ideias.

Mas para uma história ser construída e registrada, como a da espécie humana, o primeiro atributo a ser notado nesta, seria aquele que nos diferencia de todos os demais seres vivos: a razão. A partir desta qualidade fundamental do *Homo Sapiens*, é possível associar o desenvolvimento da tecnologia como uma das garantias dominantes da espécie humana.

A tecnologia não é uma descoberta recente do ser humano, há um equívoco nesta definição, que é comumente usada para se referir a inovações na área da computação, engenharia, robótica, entre outras. A tecnologia no seu sentido originário, do grego “*tekhne*” e “*logia*”, refere-se ao estudo da técnica, e por meio do desenvolvimento desta habilidade, foi possível ao ser humano realizar descobertas de decisiva importância para o processo evolutivo, como o fogo, sendo essa uma das descobertas mais importantes do “*homo sapiens*”.

A tecnologia foi o que alavancou a vida do ser humano no planeta; citando brevemente, houve três grandes revoluções resultantes da tecnologia conjuntamente a capacidade cognitiva do ser humano:

- Revolução Agrícola – O ser humano não só apenas caça seu alimento e procura plantas e raízes, neste momento ele também cultivava seus alimentos e domesticava animais.
- Revolução Industrial – Há a aceleração da produção, surgem as fábricas, o ser humano não trabalha mais sozinho, mas também se torna uma força de trabalho.
- Revolução Tecnológica – Novamente fazendo uso do termo que caracteriza todos os recursos criados pelo ser humano, esta revolução se caracteriza pelo uso dos computadores, da tecnologia digital em favor do progresso, o nascimento da robótica, etc.

Apesar dos avanços, do uso e aperfeiçoamento da tecnologia, possibilitando ao ser humano se tornar a espécie dominante do planeta, a posição do ser humano no mundo não é definida apenas pela esfera tecnológica. A vida humana, além da tecnologia, é constituída também por esferas de outra ordem como religiosa e política.

Para que seja possível compreender de maneira mais profunda os progressos dos avanços resultantes do uso da tecnologia, temos a corrente de pensamento científico-filosófica denominada *Transhumanismo*; esta linha nos permite refletir acerca dos avanços realizados até o momento e dos tomados como possíveis para ainda a primeira metade deste século.

Esta recente maneira de ponderar o ser humano, abre espaço para quebras de paradigma e contra argumentações que neste artigo, serão a base de estudo a partir do processo dialético hegeliano e o lugar que estas reclamam na consciência do ser humano, visando elaborar estas perspectivas de futuro da espécie humana.

Pretende-se tendo como referência o idealismo proposto no século XIX por Hegel, trazer à discussão os avanços tecnológicos e a maneira pela qual o ser humano de fato compõe e produz o real. Objetiva-se, igualmente, ampliar o conhecimento sobre os conceitos e os impactos que envolvem este transhumanismo no que se refere às relações inter e intrapessoal.

1. O idealismo e a dialética hegeliana

De acordo com Roberto Kahlmeyer-Mertens (s/d), o idealismo de maneira simplificada, é a corrente filosófica que considera tudo o que é real pertencente ao plano das ideias. Nesta corrente, o sujeito está no centro, suas ações e conhecimento são os seus mais importantes atributos, pois, através dessas qualidades fundamentais ele produz e compõe a realidade. Sendo o sujeito como fonte de si e do mundo, o idealismo tem o ser humano como aquele capaz de constituir e conhecer a totalidade da realidade. Para o idealista, o mundo tem caráter ideal ou pertence ao plano das ideias, no entanto, este plano não seria o mesmo que no modelo platônico (a parte do mundo físico), mas relacionado à consciência “para qual tal mundo é a ideia”. (Kallmeyer-Mertens, p.59).

Hegel, segundo Gilbert Hottis (2002), pode ser considerado, ao lado de Fichte e Shelling, um dos principais filósofos do idealismo. No seu sistema, o filósofo, particularmente na sua conhecida obra, “Fenomenologia do Espírito”, desenvolve a noção de consciência, na qual nada pode ser compreendido ou reconhecido fora dela. Esta, por sua vez, é constituída pelos atributos da mente como o idealismo oferece, não seguindo uma lógica causal como na linha aristotélica ou na corrente empirista, mas numa lógica processual e histórica. Para Hegel, a consciência abarca tudo, até mesmo as suas contradições, sendo assim, ela é amorfa, “se modifica ao longo do tempo, o que permitiria

que houvesse modificações, por exemplo, nos conceitos, nos valores, nos costumes, nas normas, no direito, na política, etc” (FINDLAY, *apud* KAHLMEYER-MERTENS, p.61). Realizada esta breve conceitualização do idealismo, podemos apresentar o *processo dialético* hegeliano.

A dialética, um dos termos mais antigos da filosofia, teve como sua primeira referência Platão (também precursor do idealismo), logo este é a primeira matriz do sistema hegeliano. Hegel elaborou a concepção de dialética, no seu sistema, que Hottois (2002) descreve da seguinte maneira: “é dialético todo pensamento aberto à crítica e à contradição daquilo que ele afirma, e capaz, por conseguinte, de mudar, de evoluir, tendo como base dessa abertura ao diálogo” (p.196).

A dialética, neste contexto, pode ser descrita como a arte da discussão, no sentido de debate, isto é a troca de argumentos e objeções com bases racionais. Dialético é o pensamento não paralisado, não fechado sobre si mesmo, permitindo-se evoluir e ganhar uma nova forma a qualquer momento, podendo ser descrito como um método processual de produção da realidade pela consciência.

Na Fenomenologia do Espírito, podemos verificar o conceito do processo dialético:

A coisa é: 1 – universalidade passiva e indiferente, o também das muitas propriedades (ou antes, “matérias”); 2 – a negação, igualmente como simples, ou o Uno – o excluir de propriedades opostas; 3 – as muitas propriedades mesmas, o relacionamento dos dois primeiros momentos, a negação tal como se relaciona com o elemento indiferente e ali se expande como uma multidão de diferenças. (HEGEL, 1990, p.86)

De maneira simplificada, a razão para Hegel é dialética, ao mesmo tempo que algo é afirmado, é negado para enfim superar a contradição, também representado no seguinte modelo:

- A tese: afirmação simples;
- A antítese: negação da tese;
- A síntese: ultrapassagem e reunificação.

Neste processo de afirmação, negação e superação, a dialética, no sistema hegeliano, não se esgota apenas com a síntese. Esta também é concebida como uma tese que pode ser “contradita”, essas contradições são assimiladas em uma nova síntese e assim sucessivamente.

Ainda assim, não se trata de um processo que tenda ao infinito, pois para Hegel há a *Síntese Última*, denominada Saber Absoluto. De acordo com o próprio Hegel:

[...]o espírito que ao mesmo tempo dá ao seu conteúdo perfeito e verdadeiro a forma do Si, e por isso tanto realiza seu conceito quanto permanece em seu conceito nessa realização – é o saber absoluto. (HEGEL, 1990, p.213)

Com base nesta breve apresentação sobre o idealismo na perspectiva hegeliana, poderemos observar brevemente como alguns autores nos apresentam o sujeito como aquele que possui este potencial de produzir a realidade e a si mesmo levantando-se em conta às possíveis considerações de condições futuras da humanidade.

2. A linha científico-filosófica transhumanista

Desde que o ser humano, a partir do desenvolvimento da razão e do descobrimento da tecnologia, tomou consciência da sua existência e passou a buscar meios de melhorar o seu modo de vida; novas perguntas a respeito das suas limitações foram postas a fim de obter respostas. Entre os questionamentos podemos destacar: qual é, de fato, o limite da criatividade do intelecto humano e da capacidade deste de moldar a realidade?

Na segunda metade do século XX, nas esferas científica e tecnológica, ideias de superação e transcendência das limitações do ser humano começam a ser elaboradas e postas à reflexão. O biólogo Julian Huxley, em 1957, na sua obra “New bottles for new wine [Garrafas novas para vinho novo]”, propôs que

[...]a espécie humana pode, se quiser, transcender a si mesma – não apenas esporadicamente, uma pessoa aqui de um modo, um indivíduo ali de outro modo – mas em sua totalidade, como a humanidade. Precisamos de um nome para essa nova

crença. Talvez transhumanismo sirva” (HUXLEY apud HAAG, 2013, p.187).

A linha científico-filosófica transhumanista ou simplesmente transhumanismo, trata-se de uma linha filosófica que propõe pelo uso racional e responsável da ciência e da tecnologia, que o ser humano supere suas limitações não apenas de condições de vida da espécie, mas dela própria, conseqüentemente, chegando a uma condição pós-humana.

A razão e a tecnologia, como seu efeito, possibilitaram que o ser humano, a partir do mundo material, criasse meios de “dominar” o ambiente que compõe e aprimorasse à sua maneira de existir deste então.

Na visão transhumanista, o ser humano poderá por meio de avanços da ciência e da tecnologia entre uma série de possibilidades, se aprimorar a níveis de genética, nanotecnologia e inteligência artificial, propondo até mesmo o alcance da imortalidade, uma vez que segundo a medicina, em princípio, a morte poderia ser revertida.

Embora seja Julian Huxley o responsável por nomear o movimento filosófico transhumanismo, a ideia de que o ser humano tem o direito autorizado até mesmo pelo divino de transcender as suas limitações já havia sido expressa anteriormente ao século XX. O filósofo renascentista Giovanni Pico della Mirandola, em sua obra *Discurso sobre a dignidade do homem* de 1486, apresenta o seguinte:

A ti, ó Adão, não te temos dado nem uma sede determinada, nem um aspecto peculiar, nem um múnus singular precisamente para que o lugar, a imagem e as tarefas que reclamas para ti, tudo isso tenhas e realizes, mas pelo mérito de tua vontade e livre consentimento. As outras criaturas, já foram prefixadas em sua constituição pelas leis por nós estatuídas. Tu, porém, não estás coarctado por amarra nenhuma. Antes, pela decisão do arbítrio, em cujas mãos te depositei, há de predeterminar a tua compleição pessoal. Eu te coloquei no centro do mundo a fim de poderes inspecionar, daí, de todos os lados, da maneira mais cômoda, tudo o que existe. Não te fizemos nem celeste nem terreno, mortal ou imortal, do modo que assim, tu por ti mesmo, qual modelador e escultor da própria imagem, segundo tua preferência e, por conseguinte, para tua glória, possas retratar a forma que gostarias de ostentar. Poderás descer ao nível dos seres

baixos e embrutecidos; poderás, ao invés, por livre escolha da tua alma, subir aos patamares superiores, que são divinos. (PICO, 1999, p.53-54)

Sendo assim, podemos observar que a preocupação e reflexão a respeito do homem, enquanto espécie, antecede e serve para corrigir qualquer concepção equivocada de que o futuro do ser humano só é pensado a partir de meados do século XX.

3. As propostas ou revoluções de transição da linha transhumanista

Todo o progresso alcançado pelo ser humano se dá pela capacidade de, a partir da sua atual condição, criar meios de aprimorar o seu modo de sobrevivência e de agir no mundo que ele compõe, de perceber o mundo à sua volta e procurar maneiras de superar suas limitações fazendo uso dos seus maiores recursos: a razão e o raciocínio.

Desde um modelo novo de celular a um tipo mais potente e eficiente de computador, maneiras mais rápidas de transmissão de dados, meios de exploração de novos mundos ou a busca de planetas habitáveis, etc. Essas e um número a cada dia maior de avanços são realizados por homens e mulheres que imaginam meios de superar o que já foi alcançado ou de prover alguma solução ainda não pensada.

Este avanço também tem se acelerado. O ser humano em cada avanço realizado, assim o faz a partir da sua condição atual e mais rápido do que o anterior. Os nossos próprios avanços nos permitem alcançar os seguintes a um passo mais acelerado, nunca em um ritmo constante, mas gradativo, e eventualmente chegaremos a um ritmo tal que se tornará demasiado difícil, dada a sua velocidade e complexidade acompanhar este crescente avanço. Sendo assim torna-se necessário que o ser humano desenvolva também novos meios que o possibilitem acompanhar este ritmo evolutivo também denominado pelo engenheiro Raymond Kurzweil “Singularidade”, ou seja, um ritmo que não pode ser mensurado.

A partir do livro “Why the West Rules -- for Now: The Patterns of History, and What They Reveal About the Future” [Por que o Oeste está no comando – por hora: Os Padrões da História, e o que eles revelam sobre o Futuro] do autor Ian Morris (2010), são apresentados dados que ilustram o salto sem precedentes do desenvolvimento social alcançado pela espécie humana no final do século XVIII, período em que ocorreu o desenvolvimento industrial e o uso de motores a vapor, ou seja, o uso de máquinas para atividades antes realizadas por seres humanos.

Para a superação das limitações da espécie humana e o alcance do futuro mentalizado pelos cientistas e filósofos transhumanistas, estes mencionam três caminhos para o futuro ou também denominadas *revoluções de transição* mencionadas no tópico anterior, apresentadas como prováveis projeções já para a primeira metade do século XXI.

Com estas revoluções que são apresentadas pelo historiador Michael Hag (2013) em *Desevendando Inferno* e também mencionadas a seguir, o ser humano passa a ter uma nova consciência de si à medida que aos poucos “alteraria” a sua própria realidade e a concepção da mesma.

A revolução genética trata das descobertas frequentes no campo do genoma humano. Os avanços realizados nesta área nos permitem esclarecer cada vez mais da composição genética dos nossos corpos e prever possíveis problemas ou doenças que possamos enfrentar. É possível hoje por um preço, solicitar o mapa do próprio código genético individual. Mesmo que um leigo no assunto não possa fazer o uso adequado de tal item, atualmente são pensadas novas perspectivas para a saúde humana. A partir de descobertas como essa, novas vacinas e medicações podem ser confeccionadas com o objetivo de potencializar o sistema imunológico do ser humano.

A revolução nanotecnológica visa o uso do potencial da engenharia e a robótica. Desenvolvendo minúsculos robôs numa dimensão de nanômetros, por meio destes seria possível fazer uso da matéria ao seu nível atômico e alterá-la, rearranjando-a e por fim criando o que fosse desejado.

A nanotecnologia também possui aplicações no campo genético, uma vez que na nanomedicina estes nano-robôs também poderiam ser

programados para atuar na nossa corrente sanguínea e combater mais efetivamente que qualquer droga ou analisar com mais precisão doenças de caráter degenerativo como câncer ou Alzheimer.

Na terceira revolução de transição, há os avanços da robótica e da inteligência artificial. Nesta revolução, são consideradas as possibilidades de se produzir uma inteligência sintética, ou seja, uma máquina com o potencial de consciência semelhante ao do ser humano e ainda de transcender a capacidade cerebral do mesmo. Como Raymond Kurzweil afirma, logo a espécie humana não apenas seria superada por máquinas ou robôs nas atividades braçais, mas nas intelectuais, uma vez que um computador “consciente” seria capaz de realizar atividades cognitivas a um ritmo muito superior.

Muitos avanços já foram alcançados nas áreas de aprendizado de máquina e já são visíveis no século em que nos encontramos, no entanto, não quer dizer que as descobertas neste campo se encerraram ou que restam poucas delas. São muitos os estudos realizados nessas vertentes, e somente o que já possuímos desses, assim como na genética, já são suficientes para um grande número de reflexões, inclusive de ordem ética.

Todas as três revoluções mencionadas estão de certa forma entrelaçadas, complementam-se e teriam impactos significativos no modo de vida do ser humano:

- Positivamente, possibilitando uma nova era de avanços e desenvolvimento em diversas esferas, possivelmente resultando em uma consciência totalmente nova de ser humano ou a primeira consciência de pós-humano enquanto espécie, um ser mais sábio e capaz de moldar a realidade com ainda mais facilidade e recursos;
- Negativamente, se o seu uso não fosse realizado com vista primariamente na preservação e desenvolvimento da espécie humana e consequentemente contribuindo para o caminho inverso.

As considerações tanto positivas como negativas do transhumanismo nos permitem observar suas propostas sob o prisma dialético. Se por um lado o ser humano é capaz de moldar a realidade apenas pela consciência que ele

possui do mundo e de si, por outro as responsabilidades que carregamos, como veremos no tópico a seguir, são ainda maiores quando levantamos a hipótese de alcançar uma condição e consciência pós-humana.

Sendo assim, faz-se necessária a contraposição das propostas de busca da condição pós-humana afim de que seja possível alcançar uma consciência mais elevada da condição atual do ser humano e a que ele se direciona futuramente.

4. Questionamentos frente às perspectivas do pós-humano sob uma visão dialética

Segundo o historiador Michael Haag, “de modo geral, os elementos comuns aos diversos esboços e manifestos apresentados incluem a adoção entusiasmada e otimista do potencial dos avanços científicos para melhorar a condição humana individual e coletiva” (2013, p.187); não necessariamente um apoio cego às propostas frente aos avanços tecnológicos, mas uma visão aberta a diálogo.

Embora os profissionais fortemente envolvidos com a linha transhumanista possuam modelos matemáticos que possam nos apresentar uma ideia do ritmo crescente de inovações e aceleração tecnológica, realizando assim suas projeções de possibilidades para o futuro, também existem questionamentos de ordens diversas.

Estas “pontas soltas” podem ser observadas sob a perspectiva do processo dialético hegeliano. Dentro deste, as afirmações ou propostas do pós-humano por si geram as suas próprias objeções, sejam dos avanços alcançados até o momento ou dos considerados para um futuro próximo, e em detrimento destas propostas e suas posições contrárias são possíveis algumas respostas a serem consideradas.

A exemplo podemos observar algumas das principais objeções, como a questão prática – é realmente possível que os avanços tecnológicos nos levem ainda, na primeira metade do século XXI, a um novo patamar da espécie e a humanidade se tornando pós-humana como propõem os transhumanistas, ou

se trata apenas de uma visão utópica? –, a questão filosófica – o que é ser humano? Estaríamos abandonando nossa verdadeira natureza com a possibilidade de eliminarmos a inevitabilidade da morte e até mesmo a necessidade de nossos corpos orgânicos? –, a questão política – os avanços apresentados como possíveis também não resultariam em uma nova maneira de separar ricos e pobres, uma vez que no seu primeiro estágio somente os seres humanos com alto poder aquisitivo poderiam adquirir tais recursos? –, a questão religiosa – o fato dos transhumanistas afirmarem a possibilidade de o ser humano não estar mais destinado à morte futuramente, não seria uma postura carente de senso moral e até mesmo ateia, sendo a morte para as religiões de maneira geral uma passagem para a vida após a morte?

A respeito desses questionamentos, os transhumanistas tentam respondê-los da melhor maneira que podem. Nas questões políticas – as novas tecnologias são pouco acessíveis no seu estágio inicial, mas à medida que avançam vão ficando menores e mais baratas segundo o engenheiro Raymond Kurzweil (2009), possibilitando que sejam pensadas maneiras de torna-las acessíveis a um público maior –, na questão filosófica – o ser humano não diferente de outras espécies, também está evoluindo, está em constante mudança e de forma alguma está completo, mas ele pode ter por outro tomar o controle dos rumos ou tem até mesmo que defini-los, condicionando tais mudanças para o que decidir como melhor para si enquanto espécie –, nas questões religiosas – os filósofos transhumanistas em absoluto negam as diversas crenças religiosas existentes, eles buscam averiguar onde estão certos e errados e assim corrigirem seus pontos de vista, buscando assim agirem de maneira mais acertada –, e por fim nas questões práticas, os transhumanistas consideram os avanços propostos como inevitáveis, não há como cessar o movimento exponencial de crescimento e inovação da ciência e da tecnologia, que mesclados à imaginação e perspectivas humanas, nos conduzirão a uma nuvem de possibilidades ainda não mensurada.

No entanto, o acadêmico Richard Barbrook em uma observação crítica da maneira como nos comportamos e tomamos para nós a tecnologia afirma que “o mundo do futuro será uma batalha cada vez mais exigente contra as limitações de nossa própria inteligência, e não uma confortável rede

em que podemos nos deitar para esperar por robôs escravos”. (BARBROOK, 2009, p.81).

Conclusão

Embora a linha transhumanista forneça respostas aos seus críticos, do ponto de vista hegeliano estas podem ser vistas como sínteses preparadas para se tornarem novas grandes teses e assim serem novamente contra argumentadas. É de fato de grande importância a concepção do idealismo e do homem e a sua consciência como responsável por produzir a realidade no contexto apresentado.

E não é só importante, mas também necessário que observemos este cenário do ponto de vista dialético e processual. Os avanços científicos e tecnológicos de fato estão se acelerando e provendo novas consciências de capacidade de inovação, reestruturação e visões de futuro na realidade, mas tudo isso se dá em um processo, que pode ser averiguado historicamente.

Antes das revoluções de transição previstas pelos transhumanistas, houveram revoluções mesmo que mais lentas, mas de relevância crucial para que o ser humano chegasse ao ponto no qual se encontra, e também que não necessariamente, do ponto de vista hegeliano que há uma ordem linear a ser acompanhada destes avanços. É a partir do momento no qual o ser humano se encontra ou na perspectiva hegeliana, toma consciência de si que ele se torna capaz de gerar perspectivas futuras.

Sendo responsabilidade do próprio ser humano o seu futuro, da mesma maneira como os que apoiam e compõe a linha transhumanista, é pertinente retomar as considerações citadas de Pico della Mirandola, de que o homem poderia tanto ascender a patamares elevados ou regredir a níveis brutais da existência, perdendo assim, valores conquistados, em alguns momentos, a um alto custo, dentro de um processo histórico.

Referências

Barry Ptolemy (2009). O Homem Transcendente (Transcedent Man). Ptolemaic Productions - Therapy Studios.

BARBROOK, RICHARD. FUTUROS IMAGINÁRIOS: DAS MÁQUINAS PENSANTES À ALDEIA GLOBAL. São Paulo: Peirópolis, 2009. 444p.

FERRO, Mário; TAVARES, Manuel. Análise da obra Introdução à História da Filosofia de Hegel. Lisboa: Presença, 1995. 135p.

HAAG, Michael. Desvendando Inferno. São Paulo: Planeta, 2013. 272p.

HEGEL, G.W.F. Fenomenologia do Espírito: Parte I. Petrópolis – Rio de Janeiro: Vozes, 1992. 271p.

HEGEL, G.W.F. Fenomenologia do Espírito: Parte II. Petrópolis – Rio de Janeiro: Vozes, 1992. 222p.

HOTTOIS, Gilbert. Do Renascimento à Pós-Modernidade: Uma história da filosofia moderna e contemporânea. Aparecida – São Paulo: Ideias & Letras, 2008. 696p.

Kahlmeyer-Mertens, Roberto. Duas vozes da filosofia: Notas sobre a concepção de verdade no idealismo. Mythos Editora. Grandes Temas - Filosofia, n.20, p. 58-64.

MORRIS, Ian. Why the West Rules -- for Now: The Patterns of History, and What They Reveal About the Future. Picador, 2010. 768p.

THE FUTURIST (2006). The Singularity and Human Destiny. Disponível em: <<https://www.wfs.org/futuristorder.html>>. Acesso em: 18 de maio de 2014.

WORLD TRANSHUMANIST ASSOCIATION. Transhumanism by Julian Huxley (1957). Disponível em: <<http://www.transhumanism.org/index.php/WTA/more/>>. Acesso em: 12 março 2014.